

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672565020>

Recebido em: 30/03/2021. Aprovação final em: 02/05/2022.

**TRADIÇÃO, PASSADO E RESISTÊNCIA:
AS INFLUÊNCIAS CATÓLICAS E BARROCAS
NA OBRA JORNALÍSTICA DE OTTO MARIA CARPEAUX.**

*TRADITION, PAST AND RESISTANCE:
CATHOLIC AND BAROQUE INFLUENCES
IN THE JOURNALISTIC WORK OF OTTO MARIA CARPEAUX.*

*TRADITION, PASSÉ ET RÉSISTANCE:
LES INFLUENCES CATHOLIQUES ET BAROQUES
CHEZ L'ŒUVRE JOURNALISTIQUE D'OTTO MARIA CARPEAUX.*

*TRADICIÓN, PASADO Y RESISTENCIA:
INFLUENCIAS CATÓLICAS Y BARROCAS
EN LA LABOR PERIODÍSTICA DE OTTO MARIA CARPEAUX.*

Thiago Bicudo Castro*



<https://orcid.org/0000-0003-2825-956X>

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em Sociologia em andamento. Apresenta-se a hipótese que situa Carpeaux numa dialética *continuidade x inflexão* sustentada por categorias, como: *tradição, passado e resistência*. O objetivo foi avaliar o impacto da produção crítica de Carpeaux entre os anos 1940 e 50 sobre sua atuação militante nos 1960, além de demonstrar de que forma Carpeaux articulou o barroco como o seu principal capital cultural a fim de se inserir no campo intelectual brasileiro em sua primeira década no país. Após o golpe de 1964, Carpeaux deixaria mais evidente os elementos da sua dialética ao assumir posicionamentos críticos a uma Sociologia barroca tão importante no conjunto de sua obra nas décadas anteriores. Essa crítica, no entanto, não implicou num completo abandono da relevância e influência da visão de mundo barroca em sua vida e obra. Portanto,

* Mestre em Ciências Sociais; Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil; E-mail: thiagobc.castro@gmail.com
Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

nos anos 1960, existiu em Carpeaux uma quase fusão da visão de mundo barroca com o temário das esquerdas por ele assumido no âmbito das resistências culturais à ditadura civil-militar.

Palavras-chave: Otto Maria Carpeaux; Resistência Cultural; Barroco; Campo Intelectual; Esquerdas.

ABSTRACT: *This article presents partial results of an ongoing PhD research in Sociology. It presents the hypothesis that situates Carpeaux in a continuity x inflection dialectic sustained by categories, such as: tradition, past and resistance. The objective was to measure the impact of Carpeaux's critical production between the 1940s and 50s on his militant performance in the 1960s, besides demonstrating how Carpeaux articulated the Baroque as his main cultural capital in order to allocate himself in the Brazilian intellectual field in his first decade in the country. After the 1964 Coup, Carpeaux would make the elements of his dialectic more evident by assuming positions critical to a Baroque Sociology so important in the set of his work in previous decades. This criticism, however, did not imply a complete abandonment of the Baroque worldview's relevance and influence in his life and work. Therefore, in the 1960s, there was an almost fusion of the Baroque worldview in Carpeaux with the theme of the lefts assumed by him in the context of cultural resistance to the civil-military dictatorship.*

Keywords: Otto Maria Carpeaux; Cultural Resistance; Baroque; Intellectual field; Left.

RÉSUMÉ: *Cet article présente les résultats partiels d'une recherche de doctorat en Sociologie en cours. L'hypothèse présentée ce que situe Carpeaux dans une dialectique continuité x inflexion soutenue par des catégories telles que: tradition, passé et résistance. L'objectif était d'évaluer l'impact de la production critique de Carpeaux entre 1940 et 1950 sur sa performance militante en 1960, en plus de démontrer comment Carpeaux a articulé le baroque comme sa principale capitale culturelle pour s'insérer dans le champ intellectuel brésilien dans sa première décennie dans ce pays. Après le Coup d'État de 1964, Carpeaux a laissé plus éminent ses éléments dialectiques tout en prenant des positions critiques sur une Sociologie baroque qui était si importante dans l'ensemble de son travail des décennies précédentes. Cette critique n'implique pas, cependant, un abandon total de la pertinence et de l'influence de la vision de monde baroque dans sa vie et son œuvre. Ainsi, dans les années 1960, une fusion baroque de la vision de monde baroque avec le thème gauchiste qui a eu pris par lui dans le contexte de la résistance culturelle à la dictature civil-militaire.*

Mots clés: *Otto Maria Carpeaux; Résistance culturelle; Baroque; Champ intellectuel; des gauches.*

RESUMEN: *Este artículo presenta los resultados parciales de una investigación de doctorado en Sociología en curso. Se presenta la hipótesis que sitúa a Carpeaux en una dialéctica continuidad x inflexión sustentada por categorías, tales como: tradición, pasado y resistencia. El objetivo fue evaluar el impacto de la producción crítica de Carpeaux entre los años 1940 y c1950 sobre su actuación militante en los 1960, además de demostrar cómo Carpeaux articuló el Barroco como su principal capital cultural para insertarse en el campo intelectual brasileño en su primera década en el país. Tras el Golpe de 1964, Carpeaux haría más evidentes los elementos de su dialéctica al tomar posiciones críticas sobre una Sociología Sarroca tan importante en el conjunto de su obra de décadas anteriores. Esta crítica, sin embargo, no implicó un abandono total de la relevancia e influencia de la cosmovisión barroca en su vida y obra. Por tanto, en la década de 1960 se produjo en Carpeaux una casi fusión de la cosmovisión barroca con la temática izquierdista que asumió en el contexto de la resistencia cultural a la dictadura cívico-militar.*

Palabras clave: *Otto Maria Carpeaux; Resistencia cultural; Barroco; Campo intelectual; Izquierdas.*

INTRODUÇÃO

No Brasil, durante a República Velha (1889-1930), os letrados, de acordo com Miceli, descendiam de famílias oligárquicas, que enfrentavam o declínio de sua situação financeira. Para esses grupos de intelectuais pré-modernistas, que não mais gozavam de capital econômico capaz de garantir-lhes prestígio social, restou-lhes converter seus capitais sociais em capitais culturais para se estabelecerem como escritores ou alçarem uma colocação em cargos públicos, o que lhes permitiria o resgate da antiga posição social e a conciliação entre seus encargos no serviço público com projetos intelectuais (Miceli, 2001, p.198-199). A partir da década de 1920, acompanhada da expansão do mercado editorial de livros e da propagação da imprensa, as vanguardas modernistas trouxeram consigo consideráveis transformações nos meios artísticos e intelectuais. Marcavam-se, assim, as mudanças na configuração e nos critérios de consagração

dos intelectuais. O capital social continuava a ser acionado, porém a posse do capital cultural, sobretudo manifestado nos títulos escolares aparece como um elemento de destaque quando a questão era o êxito e reconhecimento no campo intelectual (Miceli, 2001, p.79).

O campo intelectual brasileiro passava a se estruturar a partir do binômio “burocracia-letras”, com uma presença substantiva de intelectuais no poder. Este argumento é corroborado por Martins (1987), que observa nessa participação de intelectuais nas estruturas do governo uma ambivalência, pois politizam o campo cultural antes mesmo de estruturá-lo. Isso é derivado da visão elitista que os intelectuais assumiam ao tomarem para si o papel de agente modernizador da sociedade.

A inserção de Carpeaux no campo intelectual e da crítica literária do Brasil após 1940 é aqui pensada a partir da relação que ele empreendeu com os novos sujeitos e temas. Intelectualmente não houve uma ruptura com o seu recente passado europeu caracterizado pelo barroco católico e conservador. Essa relação de Carpeaux com o novo campo, no qual tentava se estabelecer moldou uma dialética de “continuidade e inflexão” que era constantemente acionada pelos elementos de *tradição* – sobretudo religiosa e barroca –, *passado* e *resistência*, que após 1964 teria um efeito mais prático sobre os escritos e na militância de Carpeaux.

Este artigo apresenta uma parte dos resultados da pesquisa de doutorado em andamento, na qual se estuda a participação de Otto Maria Carpeaux nas resistências culturais no pós-golpe de 1964. Nesta pesquisa avaliamos o impacto da produção crítica de Carpeaux entre os anos 1940 e 50 sobre sua atuação militante nos 1960 e apresenta-se a hipótese que permite estabelecer relações entre sua produção pré e pós-golpe de 1964. Esta hipótese situa Carpeaux a partir da já citada dialética *continuidade x inflexão* sustentada por categorias que serão expostas e definidas no decorrer do trabalho, como: *tradição, passado e resistência*.

Aspectos essenciais de sua trajetória intelectual europeia não foram completamente abandonados ou simplesmente ressignificados após o golpe de 1964, como convencionalmente se encontra nas me-

mórias construídas sobre a obra e vida do intelectual austro-brasileiro. Houve de sua parte, contudo, um reprocessamento dos temas que, ora remetiam aos valores católicos e barrocos de sua fase europeia, ora se afinavam com o ideário das esquerdas renovadas após a Declaração de 1958 denunciando os crimes de Stálin.

A RECEPÇÃO DE CARPEAUX NO CAMPO INTELECTUAL BRASILEIRO

As informações biográficas de Otto Maria Carpeaux, embora escassas, atestam que, além de uma notável erudição, o ensaísta possuía uma formação acadêmica bastante ampla, com inserção em ciências humanas e exatas. Antes de desembarcar no Brasil, em 1939, o ensaísta austríaco era completamente desconhecido dos círculos intelectuais do país; da mesma forma, a cultura nacional e os intelectuais brasileiros não eram do conhecimento de Carpeaux. Sua opção pelo exílio no Brasil se deveu às redes de contatos e auxílios incentivadas pela Igreja Católica. Assim, os primeiros contatos com intelectuais brasileiros que Carpeaux tivera foram justamente com membros de uma congregação católica de auxílio a refugiados de guerra, Álvaro Lins e Alceu Amoroso Lima. Inclusive, o aspecto religioso, de um Carpeaux profundamente conectado ao catolicismo, se tornaria um tema controverso e polêmico tanto entre os intelectuais dos anos 1940 e 50 quanto nas reinterpretações e disputas por sua memória após sua morte.

Após um período conturbado na vida intelectual e profissional, além da penúria material por que passaram Carpeaux e sua esposa nos dois primeiros anos do exílio, o ensaísta deu os primeiros passos para uma nova carreira de crítico literário e redator de jornal. A lógica dos campos intelectual e cultural brasileiro dos anos 1940, conforme descrita por Miceli (2001), pode ter favorecido o ingresso e o reconhecimento que Carpeaux passou a ter no curso dessa década como partícipe da intelectualidade literária do Rio de Janeiro, e que se consolidaria nos anos seguintes. O capital social que Carpeaux dispunha era praticamente inexistente naquele momento. No entanto Carpeaux pôde contar com o apoio de Álvaro Lins, que por sua vez, em 1940, lhe

abriu um importante espaço no jornal *Correio da Manhã*.

Em seus anos iniciais de residência e trabalho no Rio de Janeiro, Carpeaux se inseriu em seu primeiro e mais duradouro núcleo de amizade, composto por Álvaro Lins, Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Holanda, Santiago Dantas, dentre poucos outros. Uma rede de relevância significativa para as questões práticas a envolver inclusão, notoriedade e polêmicas. A ampliação de seu capital social somado ao reconhecimento pelos pares de seu capital cultural o impulsionava nos meios intelectuais e de influência política do país. Exemplo disso foi quando em 1941, uma espécie de *curriculum vitae* de Carpeaux foi redigido e assinado, sobretudo por escritores, que buscavam interceder com o Presidente Getúlio Vargas no moroso processo de naturalização¹ do intelectual austríaco. Àqueles nomes citados anteriormente somam-se os de Graciliano Ramos, Cecília Meirelles, Nelson Rodrigues dentre outros. Neste documento encontram-se informações biográficas que destacavam a vida profissional de Carpeaux em jornais e revistas europeus, além de sua formação acadêmica, publicações e descrições, como a que o situava como “figura de extraordinário relevo intelectual” e de uma “espantosa facilidade com que se integrou do conhecimento da língua portuguesa”. Há ainda uma citação de Gilberto Freyre equiparando Carpeaux aos críticos nacionais e atestando as informações repassadas, na qual se lê: “inclusive o erudito e penetrante Otto Maria Carpeaux, cuja integração na nossa vida intelectual vai se processando com rapidez surpreendente”².

É importante ressaltar que a atuação de Carpeaux no campo intelectual e cultural brasileiro estava perpassada por um contexto orientado intelectualmente, inclusive na produção desses intelectuais, pelo “modernismo e nacionalismo enquanto elementos para se estabelecer os parâmetros socioculturais da identidade nacional.” (Ventura, 2011, p. 287) Seus pares na Casa do Estudante do Brasil³ (CEB), primeira editora a publicar suas coletâneas de críticas literárias⁴, abordavam assuntos brasileiros que norteavam as preocu-

¹ “Processo de naturalização nº 10.345/42”. In. *Arquivo Nacional*.

² *Ibidem*.

³ Lá estavam Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda, Vianna Moog, Mario de Andrade, José Lins do Rego e outros.

⁴ Trata-se de *A Cinza do Purgatório* (1942) e *Origens e Fins* (1943).

pações do momento, particularmente voltadas para a construção de projetos nacionais. Neste contexto, portanto, Carpeaux já mostrava como que os elementos (tradição passado e resistência) da sua dialética *continuidade x inflexão* interagiam com a condição de intelectual católico europeu exilado.

O que Carpeaux estava fazendo era recuperar de seu recente passado austríaco as suas *tradições* cristãs e de sua militância social-cristã correspondente a uma visão de Estado supranacional caracterizado pelo poder político do Sacro Império Romano, e reprocessando tudo isso para se pensar o Brasil que até então ele conhecia basicamente por meio das obras dos escritores brasileiros. Esse seria o início de uma nova modulação teórica – constatável em *Origens e fins* (1943) – e ideológica que viria a se manifestar de forma mais evidente nos anos 1960, quando passa a escrever sobre política internacional para o *Correio da Manhã*, mas principalmente no pós-golpe quando é acionada a sua *resistência* à ditadura militar.

A influência que as análises e a visão de mundo barroca de Carpeaux tiveram para a sua participação ativa nos campos intelectual e da crítica literária se mostraria consolidada no início da década de 1950. Nesta década proliferaram-se estudos históricos, estilísticos e teóricos sobre as letras barrocas. A contribuição de Carpeaux para esse debate não foi pequena, visto o seu longo histórico de estudos, além da própria influência do barroco católico na cultura habsburga da Casa da Áustria. Com os seus artigos publicados já a partir de 1942 “a discussão sobre as letras *barrocas* começa a se tornar mais visível, prenunciando a polêmica demarcação de campos no interior da história e da crítica literária brasileiras.” (Gomes Jr, 1998, p. 89) O barroco se tornou assunto de interesse de críticos literários, que no decorrer dos anos 1950 publicaram inúmeros ensaios nos suplementos literários dos jornais diários, além de alguns livros e teses.

O que acontecia no Brasil era sem dúvida um desdobramento tardio dos estudos que constituíram a ideia de barroco na Suíça, na Alemanha, na Itália, na Espanha e na Inglaterra. Retardo semelhante ao brasileiro parecia haver na França e em Portugal, por motivos

bastante específicos. Na França, porque até o limiar dos anos 50 ainda era muito forte o consenso em torno da ideia de que o século XVII, considerado exemplo de rigoroso classicismo, havia-se mantido imune aos ventos meridionais vindos da Espanha e da Itália. Em Portugal, em razão de um viés de sua história nacional – o fato de a coroa portuguesa ter sido incorporada pela Casa de Áustria entre 1580 e 1640, época de ouro da grande cultura barroca dos vizinhos espanhóis – quase tudo o que dizia a respeito ao barroco era visto pelo ângulo do patriotismo aviltado pelo dominador estrangeiro. Coerente com a herança cultural portuguesa e com o espírito francês, que a partir do século XIX, deixou fortes marcas nas artes, nas letras e no pensamento em geral, a inteligência brasileira demorou também a colocar para si a tarefa de repensar as manifestações culturais da época colonial, particularmente aquelas que vieram a ser denominadas barrocas (Gomes Jr, 1998, p. 16-17).

Carpeaux traz para o Brasil um conjunto de reflexões que foram produzidas na Europa sobre o barroco até o século XVII, vinculando-o com suas próprias tradições católica e social-cristã para integrar esse conhecimento ao campo cultural e literário do Brasil.

Se na década de 1950 as discussões no Brasil sobre o barroco seriam aprofundadas, sobretudo com a publicação da tese *Aspectos da Literatura Barroca* (1950), de Afrânio Coutinho, na década anterior Carpeaux já havia dedicado um capítulo inteiro da *História da Literatura Ocidental* (HLO) para elucidar a dimensão do barroco na Europa. O crítico austríaco segue uma linha de interpretação desenvolvida inicialmente por Wölfflin, que em 1888 tratou das manifestações barrocas como detentoras de um valor universal. O barroco, assim encarado, expressa uma ruptura com a visão classicista predominantemente francesa, que considerava como sendo de mau gosto e decadente as expressões artísticas do barroco, entre 1580 e 1680 (Gomes Jr, 1998, p. 90). A visão que Carpeaux apresenta sobre o barroco em *HLO*, e que se tornaria o seu principal expediente nos debates do campo intelectual é a de um movimento de ruptura com a Renascença e de um barroco reabilitado no século XX: “Carpeaux vai mais longe, para ele o *barroco* é mais que um estilo, é uma mentalidade própria da vida social e cultural da Europa do século XVII.

Por todo o continente se propagou uma ‘vontade estilística’ comum, fruto da mesma mentalidade.” (Gomes Jr, 1998, p. 90).

A reabilitação do barroco no século XVII é explicada pela nova dinâmica entre as classes sociais – e a explicação seria a mesma para a reabilitação do barroco no século XX – imposta pelas transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas. A aristocracia feudal, incapaz de se adaptar às novas condições, perde a sua função política, ao passo que a burguesia ainda não é capaz de desempenhar essa função. A Igreja Católica, reformada pelo Concílio de Trento, e as Igrejas nacionais do protestantismo investem o Estado de sanções divinas, e o Estado absolutista dirige a economia, cuja expressão máxima era o mercantilismo. O trunfo da aristocracia para não perder toda a influência que detinha residiria no que podemos chamar de “capital cultural”. Seu alijamento das decisões políticas e econômicas é compensado por sua supremacia no campo cultural, que não encontra força correspondente na classe burguesa, detentora apenas do poder econômico.

A aristocracia ainda pode aproveitar a situação, vivendo parasitariamente da realeza; ainda consegue impor o seu estilo de viver. O século tem ar aristocrático. A autoridade real encontra-se nas mãos do Estado, imensamente aumentada pela sanção eclesiástica e pelos poderes econômicos. Segundo uma experiência sociológica, a consolidação da autoridade produz separação de classes. No século XVII, a oposição entre aristocracia e burguesia vai-se acentuando cada vez mais. O fenômeno reflete-se na literatura. A literatura barroca é mais uniforme do que se pensava na Europa inteira, independentemente das fronteiras nacionais e religiosas; mas não é homogênea na estrutura íntima, porque é constituída por duas “classes literárias” opostas: a classe aristocrática e a classe burguesa intelectual (Carpeaux, 2011, p.664).

Nessa passagem, além da síntese da nova dinâmica entre as classes sociais, há um aspecto que merece ser destacado. As duas classes literárias apenas se assemelham às classes sociais devido ao nome, que pegam de empréstimo, todavia não são idênticas na análise das obras e da época. Esse uso de equivalências é uma característica típica do barroco, especialmente em análises históricas.

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

Carpeaux se valeria desse recurso “metodológico” nos ensaios de crítica literária dos anos 1940, assim como Sérgio Buarque de Holanda desenvolveria suas reflexões em *Raízes do Brasil* alicerçado na comparação – aproximações e distanciamentos – de elementos históricos e categorias opostas.

Carpeaux fará nos anos 1950 críticas aos intérpretes do barroco no século XX que, no ímpeto de o tomarem como uma “mentalidade” total, uma ampla visão de mundo renovada pela crise do século, acabavam se perdendo nas análises e encontrando fragmentos de barroco em quase todas as manifestações. Foi, pois, dessa forma, que Carpeaux ao mesmo tempo em que influenciou os debates sobre o barroco na década de 1950, foi também influenciado pela retomada dessas discussões, que pareciam encerradas na obra do crítico literário.

Apesar dessa crítica de Carpeaux, escrita na década de 1950, aos que encontram barroco em todas as expressões artísticas, devido a uma “mentalidade” compartilhada, na década anterior o autor tinha um método de análise que privilegiava justamente essa “mentalidade” no curso dos séculos XVI e XVII, ao mesmo tempo em que observava a recorrência de ciclos, que sempre retornam às formas culturais e artísticas do barroco. É nessa visão cíclica que Carpeaux situa a ideia de que a crise do século XX é comparável àquela do século XVII. Inclusive, nessa comparação entre épocas, ele faz referência às “pseudomorfoses” das classes sociais. Seu método para analisar a dinâmica das classes tem como fundamento o aspecto barroco de ver o mundo como um teatro, no qual a realidade social é representada pelos personagens. Essa explicação presente em *O teatro e o Estado do barroco* é a mesma encontrada no trecho analisado de *HLO*, em que as “classes literárias” não são idênticas às classes sociais. Portanto, o que se entende é que, para Carpeaux, a situação da aristocracia no século XVII é análoga à da burguesia no século XX, “o passado que conhecemos é reflexo do presente”, como irá escrever em 1965.

No artigo publicado em *Letras e Artes*, de 1949⁵, Carpeaux faz uso desse recurso da “mentalidade”, que nos indica um pressu-

5 CARPEAUX, Otto, Maria. Aspectos ideológicos do padre Vieira. In: *Ensaio Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

posto de linearidade histórica das formas culturais. Ele faz a conexão da poesia de Padre Vieira – século XVII – com a de Fernando Pessoa, no poema *A cabeça do grifo: o infante D. Henrique*. Na obra e na atuação política de Padre Vieira estariam representados o racionalismo burguês e o barroco católico, a modernidade e o anacrônico.

O método pautado pela ideia de “mentalidade” foi bem recebido pelos críticos literários, que nos anos 1950 resgataram as discussões sobre o barroco. Sérgio Buarque de Holanda ao comentar o prefácio redigido pelo português Antônio Sérgio para a edição das *Obras Escolhidas* de Padre Vieira, destacava que as características da “mentalidade” da época de Vieira ajudavam na compreensão de sua obra. Buarque refletia sobre a tendência dos intelectuais do século XX de compreenderem o barroco “como uma mentalidade ou um estilo de vida no qual participaram todos os povos da Europa entre os séculos XVI e XVIII.” (Lima, 2013, p. 61).

Afrânio Coutinho acompanhou o argumento central encontrado no ensaio *Aspectos ideológicos de Padre Vieira*, de Carpeaux. Segundo Coutinho, a fusão do ideário medieval – supra terreno e espiritual – com valores do Renascimento – humanismo e satisfações mundanas etc. – oferecem a essência do estilo de vida barroco. Dessa forma, Coutinho explica que nos ideais de rebelião do Renascimento contra os ideais da civilização medieval, o barroco surge como uma tentativa de resgatar valores da tradição cristã, expressas sob novos moldes intelectuais e artísticos (Coutinho, 1968, p. 135-139).

Se nos anos 1940, a visão de mundo estritamente barroco-católica de Carpeaux permitiu um diálogo entre suas análises das obras de Freyre e Buarque de Holanda com os novos estudos sobre o barroco na década seguinte, algo que, no limite, foi o principal elemento de consagração da entrada do crítico austríaco ao campo intelectual brasileiro; foi na década de 1950 que ele passou a uma condição que podemos classificar como cautelosa em relação aos usos do barroco para análises de maior relevância política e social. Da mesma forma, ele deixa de participar ativamente do debate que era feito sobre barroco. Sua produção a respeito do tema passa pela recuperação de elementos pontuais encontrados sobretudo nos ensaios *A tradição americana* e *O teatro e o Estado do Barroco*, ambos

do início dos anos 1940.

Carpeaux não indica um abandono do barroco como elemento teórico capaz de explicar a formação e o pensamento social do Brasil, no entanto sua produção se limita a assentir as análises críticas de seu amigo Sérgio Buarque de Holanda e reiterar características específicas do barroco enquanto método de explicação histórica e sociológica. Primeiramente, Carpeaux procurava encontrar o ponto de equilíbrio entre as análises que entendiam o barroco como um fenômeno total, mas que acabavam descobrindo barroco em toda a parte, e aquelas que buscavam estabelecer limites rígidos e definições exatas do barroco (Carpeaux, 1999a, p. 656).

Mas seria nos anos 1960 que Carpeaux deixaria mais evidente os elementos de *tradição, passado e resistência* da dialética *continuidade x inflexão*. No ensaio *Sociologia barroca*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 1965, Carpeaux expressa uma visão crítica em relação ao barroco. Essa crítica não implicava, como dissemos, o completo abandono da importância e da influência da visão de mundo barroca em sua vida. O que se entende desse artigo bastante conciso é que o racionalismo burguês havia derrotado a influência das outras classes sociais em todos os campos – político, econômico e cultural. Quem estivesse naquele contexto se baseando numa Sociologia Barroca para entender o Brasil, estaria fugindo das demandas intelectuais do Brasil pós-golpe de Estado de 1964. Essa posição vai marcar, como veremos, uma total distinção entre a maneira como Carpeaux concebia o papel dos intelectuais nos anos 1930 e 40 com a sua concepção dos anos 1960. Na frase inicial do texto, ele escreve que: “Em tempos difíceis há quem procure refugiar-se no passado. Mas nunca se alcança esse fim: pois o passado que conhecemos é reflexo do presente. Exemplo disso é a sociologia barroca.” (Carpeaux, 2005, p. 707). Ele ainda sustenta um aspecto importante do método barroco, que é a compreensão de um presente que guarda elementos do passado, como a “mentalidade”, por exemplo.

No decorrer do ensaio há novamente menção à obra de Sérgio Buarque de Holanda e um resumo explicativo de como a Sociologia Barroca interpreta fatos, a partir das controvérsias entre as ordens religiosas barrocas dos séculos XVI e XVII. A apropriação que Hob-

bes fez da ideia barroca de “Direito Natural primário” e “Direito Natural secundário” transformando o mito dos Ciclopes em uma teoria do contrato social e do absolutismo levou ao fim a Sociologia Barroca. Carpeaux dirá que:

[...] os teóricos da economia capitalista superaram ao mesmo tempo a contradição entre o Direito Natural primário e o Direito Natural secundário: a harmonia das leis do universo eliminará, conforme Adam Smith, as injustiças e as tiranias e reunirá a todos pelo esforço comum de todos de prosperar e enriquecer: *the pursuit of happiness*, que é o tema central da Declaration of Independence e que é até hoje o dogma fundamental da política norte-americana [...] Os Estados Unidos acabaram definitivamente com qualquer resíduo da sociologia barroca (Carpeaux, 2005, p. 711).

Carpeaux reconhecia a abrangência da política norte-americana e sua influência sobre a América Latina, por isso, que em 1965, quando escreveu esse ensaio, sua preocupação era menos a de descrever os persistentes resíduos da sociedade barroca no continente latino-americano do que enfrentar o dogma da racionalidade burguesa, que no Brasil havia se manifestado pelo golpe de Estado em 1964 e a instauração da ditadura militar. Por isso, ele encerra o artigo ressaltando o elemento de *resistência* que ajuda a moldar a dialética *continuidade x inflexão*. Ele dirá que o estudo da Sociologia Barroca serve para explicar aqueles resíduos do passado: “Mas não serve para fugir do tempo e dos homens presentes.” (Carpeaux, 2005, p. 711). Esse posicionamento de crítica vinha na esteira do processo de revisão das bases de seus engajamentos, pelo qual os intelectuais passaram nos anos 1960. Carpeaux, ao ser um crítico de sua própria forma de se aplicar uma Sociologia Barroca, sem também abandonar uma visão de mundo construída ao longo de 39 anos de Europa e de catolicismo, tentava entrar em acordo com a sua época e com as novas transformações pelas quais o campo intelectual passava no pós-golpe.

Entre os anos 1930 e fins 1940 – ainda com alguma reminiscência na década de 1950 – vemos um Carpeaux imerso na cultura católica barroca e conservadora. Ora, neste período a sua noção política ainda estava assentada na unidade entre o Estado e a Igreja, resultada

de sua formação austríaca e habsburga. Esboçavam-se críticas aos modelos de Estado e à razão de Estado oriundas da secularização a partir do século XVII, que retirava o papel público da religião cristã no âmbito político. Carpeaux criticava a visão hobbesiana de Estado e as concepções de fundo liberal, nas quais se previam a separação entre foro íntimo e instância pública, que embasavam a razão de um Estado totalitário. Era uma separação perniciososa, que limitava a liberdade de consciência, inclusive a religiosa, que no espaço público deveria se submeter à razão de Estado. Isso é explicado na seguinte passagem de um artigo de Carpeaux do início da década de 1940:

Há, entre Hobbes, Frederico, O Grande, e Voltaire, ainda outro termo de comparação: a aversão comum contra a Igreja Romana. Queixam-se amargamente das intervenções ilícitas da Cúria pontifical nos negócios estatais, e Voltaire defendeu as pretensões galicanas, sem perceber o sentido religioso desse movimento. Contudo, os representantes do “Estado absolutista mais ilustrado” do século XVIII têm o pressentimento de que a liberdade, se bem que limitada, da consciência é a lacuna por onde todas as outras liberdades irromperão, até que o monstro volte a ser uma brincadeira nas mãos de Deus vivo. Por isso aqueles “livres-pensadores” estão reservando o pensamento livre às classes privilegiadas (Carpeaux, 1999b, p. 407).

Há, portanto, um embate entre a visão de mundo barroca de Carpeaux, de sua defesa de um Sacro Império supranacional com a supremacia da razão de Estado dos absolutistas e liberais, pois estas correntes previam uma característica civil para o reino de Deus na terra (Ventura, 2002, p. 77).

Um apontamento interessante de Ventura para se questionar a permanência da visão de mundo barroca de Carpeaux até os anos 1950 é que o crítico austríaco permaneceu sintonizado com o “espírito da Contra-Reforma” que vinha amparado na “incidência constante de determinados temas, ideias e autores que pertencem ao universo filosófico-teológico de um catolicismo bastante tradicional e já ultrapassado.” (Ventura, 2002, p. 70). Sabe-se que a cultura do barroco não resistiu ao enfraquecimento e ao consequente desaparecimento do papel central da religião, sobretudo da católica. Ao

descrever as teorias absolutistas e liberais ao mesmo tempo em que as criticava, Carpeaux verificou os efeitos da secularização que se iniciou no século XVIII e que seria vitoriosa no século XX, na América Latina, em especial no Brasil, o golpe de 1964 seria a expressão maior desse movimento histórico.

Fato é que, embora Carpeaux diagnosticasse um processo semelhante àquilo que Max Weber denominava de “desencantamento do mundo”, o ensaísta enxergava a atualidade e reabilitação do barroco. Apesar da aparência anacrônica desse posicionamento de Carpeaux, a explicação é bastante simples e coerente com sua obra. Ele entendia que o século XX era uma época de crises, incertezas e quedas de impérios. Essas crises e incertezas estavam tanto no contexto político e social europeu quanto em sua própria experiência de vida enquanto exilado e, por isso, ele via renascer a inquietação religiosa.

O sentimento de segurança trazido pelo pensamento racionalista do século XVIII e pelas conquistas da moderna civilização industrial entrou em colapso com a Primeira Guerra Mundial. Eis que retorna, por assim dizer, o velho ‘sentimento trágico da vida’, que terá em Nietzsche, Kierkegaard, Schopenhauer e Spengler e seus grandes formuladores. A formação de Carpeaux ocorreu em uma Europa à beira da catástrofe, tornando, assim, fértil o terreno para digressões, comentários e diagnósticos de um teórico da crise, ele próprio fruto dela (Ventura, 2002, p. 81-82).

É correto, dessa forma, afirmar que a teoria de Estado assumida por Carpeaux em seus dois livros publicados na Áustria e em parte de sua obra de crítica literária dos anos 1940 e 50, ressoava todos os elementos do prudencialismo barroco de sua formação viense. No entanto, a obra jornalística de Carpeaux possui momentos de inflexão, inclusive temáticas, que remetem aos aspectos de sua vida pessoal e profissional na Viena dos anos pré-*Anschluss*. Os seus textos de política internacional do CM e da *Folha da Semana*, por exemplo, estão muito mais próximos das preocupações políticas de Carpeaux dos anos 1930, quando escrevia sobre diplomacia e Estado, porém o método barroco se fragmenta, e o próprio catolicismo ficaria obscurecido em seus posicionamentos políticos.

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

A influência e os elementos do barroco em Carpeaux vão se tornando fragmentárias na medida em que o ensaísta se volta para as questões políticas do pós-Golpe, consideradas por ele como urgentes. Nas críticas literárias, o barroco assumir mais do que uma visão de mundo, mas um método de análise das obras; nas análises políticas, por sua vez, tudo o que foi até aqui descrito sobre a prudência barroca conservadora e a oposição ao maquiavelismo, praticamente desaparece do pensamento político de Carpeaux nos anos 1960.

Isso é uma expressão do elemento de *resistência* da dialética *continuidade x inflexão*, pois ele retoma as preocupações políticas presentes em *A missão europeia da Áustria* (1935) de análise política, diagnósticos diplomáticos do pós-guerra etc. com a finalidade de se recolocar no campo intelectual, que estava se reestruturando com base no temário das resistências culturais. Portanto, Carpeaux mobilizava após o Golpe o seu capital cultural de forma diferenciada em relação à sua chegada ao Brasil, ressignificando os elementos de *tradição, passado e resistência*. A erudição, pressuposta no barroco, é mantida por Carpeaux, pois isso é característico de sua formação, de sua *tradição* absorvida na Europa. Entretanto, no lugar de desenvolver o temário típico do barroco, ele desenvolve o temário das esquerdas, inclusive a comunista, dos anos 1960.

Os fragmentos barrocos aparecem de forma sutil, como nas aproximações e distanciamentos de valores políticos: democracia e ditadura, golpes e revoluções, diplomacia e guerras, esquerda e direita, liberdade e resistência etc.

O BARROCO NO CAMPO INTELECTUAL BRASILEIRO

O campo da crítica literária vivenciava nos anos 1950, por meio dos artigos de rodapés de crítica literária nos jornais, um resgate das discussões sobre o barroco no Brasil, que nos ajudam a organizar os debates que eram feitos durante aquela década pelos partícipes desse campo. Carpeaux era um dos intelectuais que participaram ativamente das discussões sobre o barroco acompanhado de autores como: Afrânio Coutinho, Antônio Sérgio, Eduardo França e Sérgio Buarque de Holanda. Este último, que já havia se utilizado

do referencial barroco na obra *Raízes do Brasil* (1936) “preocupava-se especialmente em refletir sobre as vantagens e desvantagens de se utilizar noções oriundas da história da arte e da arquitetura nas reflexões historiográficas e de crítica literária, aproximando cada vez mais suas duas ‘vocações’.” (Lima, 2013, p. 4). Carpeaux já havia antecipado esse debate nos rodapés de crítica literária no começo dos anos 1940, pouco tempo depois de ter chegado ao Brasil. Os seus dois primeiros livros publicados no país – *A Cinza do Purgatório e Origens e Fins*, de 1942 e 1943 respectivamente – continham análises de autores europeus fortemente marcadas pela exploração do conteúdo místico e moral dos romances, a comparação de elementos opostos, a secularização da arte, a tecnicidade e o sentimento religioso, enfim, elementos típicos do barroco.

Uma característica central na visão de mundo barroca defendida por Carpeaux era a percepção de crise de seu tempo, sobretudo no continente europeu, que enfrentava o avanço nazista e a consequente II Guerra Mundial. Em *Origens e Fins*, Carpeaux retoma autores europeus para defender que as origens e fins da nossa civilização encontram-se na Europa desolada pela guerra, mas que é possível encontrar no Novo Mundo as sementes do Velho, e para isso faz análises de autores brasileiros, como Drummond, Graciliano Ramos, Portinari e Álvaro Lins.

É possível afirmar *a priori* que o barroco-católico herdado por Carpeaux da sua formação europeia foi o primeiro capital cultural que lhe possibilitou compor o campo intelectual brasileiro. Carpeaux passa a dialogar com aqueles críticos literários e outros intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre, assinalando que a presença do barroco nas análises sobre a formação social do Brasil era uma marca da *intelligentsia* brasileira. Ele verificou esses elementos barrocos no conteúdo e na forma da obra *Casa Grande e Senzala* (1933):

Resta apenas um princípio de organização social: a família patriarcal. E a sociedade barroca é, em toda parte, familiar e patriarcal. [...] É exatamente essa sociedade patriarcal e escravista, “*survival* do barroco”, que o Sr. Gilberto Freyre tão magistralmente estudou.

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

Introduzindo no seu conceito um fator dinâmico, dialético, reencontramos o “individualismo ibérico” (Carpeaux, 1999c, p. 466).

E neste mesmo artigo, Carpeaux elege Sérgio Buarque de Holanda como um interlocutor que o ajuda a entender a formação social e política brasileira sob a ótica barroca. Esse contato de Carpeaux com os intérpretes da história e da sociedade brasileiras fortaleceu e ajudou a legitimar os vínculos do ensaísta austríaco no campo intelectual e da crítica literária no Brasil. Isso ficará ainda mais evidente no início da década de 1950, quando o próprio Sérgio Buarque de Holanda recupera a discussão feita por Carpeaux no artigo *Tradições Americanas* (1942), a fim de tecer comentários sobre as obras de Gilberto Freyre e de criticar as análises sobre o barroco que outros críticos literários, como Eduardo d’Oliveira França e Antônio Sérgio, estavam fazendo no mesmo período.

Carpeaux interpreta *Raízes do Brasil* como a mais bem acabada análise das marcas do barroco católico numa sociedade do continente americano.

Um quadro perfeito dessa sociedade barroca acha-se [...] no começo das *Raízes do Brasil*, do Sr. Sérgio Buarque de Holanda. É verdade que o esboço lá está sob a rubrica “mentalidade ibérica”. Mas mentalidade ibérica não é uma entidade invariável e imutável: uma literatura extensa [...] está ali para extremar o iberismo gótico do iberismo barroco, e o próprio autor das *Raízes do Brasil* opõe à sua civilização ibérica o catolicismo gótico de Dante, como para convencer-nos de que estamos diante do iberismo especificamente barroco, transplantado para a América (Carpeaux, 1999c, p. 465).

A visão de mundo barroco-católica manifestada por Carpeaux após o seu estabelecimento na cidade do Rio Janeiro continha os mesmos traços que caracterizavam as suas concepções políticas, sociais e estéticas nos anos de 1930. Portanto, em sua primeira década no Brasil, a visão política de Carpeaux não se alterou, ao contrário, fez eco ao conteúdo dos livros escritos na Áustria – *Caminhos para Roma* e *A Missão Europeia da Áustria*.

Uma demonstração disso é a maneira como ele abordou o

tema da “missão” nacional e supranacional no livro *Origens e Fins* (1943). Essa questão tão cara ao ideário político de Carpeaux havia sido desenvolvida em 1935 no livro *A Missão Europeia da Áustria*. A missão da Áustria seria orientada pela crença católica da Providência, ou seja, tratava-se de uma missão supranacional, para além do povo austríaco. O oposto disso, as missões nacionais dos povos, era rejeitado por Carpeaux, pois equivaleriam a heresias e falsos messianismos. Em *Origens e Fins* ele escreve:

Era o velho mal-entendido hegeliano das “missões históricas” que cabem aos povos, e de que um povo de “missão” não é digno de subsistir. Mas os povos não têm “missões”; eles têm “destinos”. E o único destino digno dos homens é viver como homens, humanamente. As “missões nacionais” constituem falsos messianismos, generalizações artificiais, abstraídas da história mal compreendida, perigosas e desumanas (Carpeaux, 1999d, p. 336).

A missão supranacional da Áustria defendida por Carpeaux era um reflexo da identidade do povo austríaco e da ideia católica de *Romanitas*. Identidade esta que possuía raízes históricas, culturais e políticas na noção de “ser alemão” e na Igreja católica de Roma. Em Ventura encontramos uma síntese dessa relação:

Essa dupla identidade vigorava nos tempos do Império Romano, em que os habitantes das províncias conquistadas por Roma adquiriam o *status* de cidadãos romanos, sem prejuízo de sua identidade local. A ideia de *Reich* defendida por Otto Karpfen corresponde a essa visão supranacional e católica que caracterizou o poder político do Sacro Império Romano (Ventura, 2002, p. 225).

Carpeaux retomava com frequência o legado dos Habsburgos, especialmente o período de Carlos V. Os principais elementos do pensamento de Carpeaux em sua fase europeia eram, segundo Ventura, o “clericalismo político e o conceito de missão histórica a ser desempenhada pela Áustria na Europa.” (Ventura, 2002, p. 225). Ambas as ideias derivam de sua visão habsburga de mundo, que é essencialmente conservadora da sociedade tanto na vertente clerical quanto na política. Especificamente no campo político essa visão de

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

mundo era expressa por Carpeaux na defesa da monarquia histórica da casa da Áustria e na oposição à república.

Ser um herdeiro da tradição dos Habsburgos significava a compreensão do universalismo de uma visão de mundo que ia além do campo político. Essa tradição remetia à força do catolicismo romano e à luta da Contrarreforma religiosa, que teve sua expressão ecumênica no barroco. Carpeaux define a abrangência e importância do barroco nos seguintes termos:

O barroco é um estilo: e um estilo não se define em fórmulas simples e inequívocas. Contudo, o barroco, o último estilo que abrangeu ecumenicamente toda Europa, abrangeu também toda a vida: além das belas-artes, das letras, da filosofia, da religião, do pensamento e das realizações econômicas e políticas, é um estilo de vida. E exatamente este universalismo ajuda a compreensão do fenômeno histórico (Carpeaux, 1999c, p. 464).

Sendo, portanto, uma visão de mundo que buscava uma totalidade da vida social, que ia da política e economia à religião e cultura, o barroco além de expressão religiosa de oposição ao reformismo protestante, era uma cultura marcadamente autoritária com a função de manutenção do *status quo* político, religioso e moral. José Antonio Maravall explica que o barroco não buscava, no século XVII, apenas frear os impulsos e inquietações religiosas provocadas pela Reforma protestante, mas também manipular os sentimentos estéticos e opiniões do público. Para essa tarefa, a arte e literatura foram colocadas sob o controle e influência de monarcas e autoridades eclesiásticas, que se orientavam através das premissas do Concílio de Trento (Maravall, 1997, p. 144).

E Carpeaux celebrava com entusiasmo esse movimento católico que teria salvado a arte de uma massificação e secularização. “Aquele grande movimento da alma católica [...] Contra-Reforma não só elevou a Igreja a uma nova e extraordinária *plenitudo protestatis*, como também deu de presente à arte a nova glória do barroco”. (Carpeaux, 2014, p. 105-106).

O ensaísta incorporava em *Caminhos para Roma* aspectos

humanistas e elitistas de se observar a arte, no qual a massificação a afastava de sua glória e de sua divindade. É justamente desse posicionamento expresso na década de 1930 que surgiram interpretações anacrônicas que classificam Carpeaux como um católico conservador independentemente da época.

Sua crítica à massificação da cultura é tratada como uma “treva do tempo” e o autor dirá que: “Vivemos na era da existência de massa.” e segue acompanhado de uma nota de rodapé com uma referência importante: “Ninguém desconhecerá, neste retrato do nosso tempo, a influência de Karl Jaspers e de José Ortega y Gasset.” (Carpeaux, 2014, p. 17). Em sua convicção católica e firme profissão de fé ele percorre todo o primeiro capítulo do livro descrevendo de forma pessimista a crise de seu tempo, inclusive no campo político, em que se erigiam autoridade ilegítimas em toda parte.

Entre 1940 e 1942, já residente no Rio de Janeiro, Carpeaux retoma a crítica da massificação da cultura e ressalta também o papel dos intelectuais. Sua visão de universidade era permeada pelo conceito de intelectual *clerc* presente na obra de Julien Benda. Carpeaux entendia que havia grupos distintos nas universidades e que isso alterava sua capacidade de formação. Havia, portanto, “estudantes pobres”, que enxergavam nos estudos superiores um meio de assegurarem melhores condições materiais, mas que devido à sua miséria, por vezes ganhavam a vida com “ocupações acessórias”, logo tinham pressa em terminar os estudos. Essa situação justificava a benevolência dos professores como forma de recompensar o esforço desses estudantes. E sobre isso, Carpeaux comenta que: “Em suma, o nível baixa sensivelmente. O nível baixa, dizemos, até o nível dos estudantes ‘ricos.’” (Carpeaux, 1999e, p. 214).

Se os “estudantes pobres” estavam em busca de uma acumulação de capital econômico que viria posteriormente à sua formação, os “estudantes ricos” estavam empenhados em dar continuidade num capital cultural oriundo da tradição familiar. Havia, contudo, um terceiro grupo que era o responsável direto pelas mudanças de *status* da universidade. Eram os “verdadeiramente ricos”, que não tinham necessidade de estudar, mas que o faziam por apreço às ciências. A crítica de Carpeaux a esse grupo era de que não se esforçavam mais

do que o necessário para passar nos exames, pois seus estudos não eram de absoluta necessidade. Somado a isso, pela posição social que ocupavam, determinavam o nível geral da universidade.

Esse era apenas um exemplo de massificação criticada por Carpeaux. Em sua perspectiva, isso tinha como consequência o desaparecimento de uma verdadeira elite intelectual. As universidades forneciam

[...] verdadeiras massas, porque as ciências modernas e suas investigações têm menos necessidade de cérebros que de batalhões de estudantes; e para isto eles satisfazem [...] É o regredir de uma elite à condição de massa ornada de títulos acadêmicos (Carpeaux, 1999e, p. 214).

O filósofo Ortega y Gasset oferece o embasamento teórico manifestado nessas passagens transcritas. A visão de mundo barroca de Carpeaux aqui é complementada com um liberalismo conservador, que encontrava na classe média do século XX um dos fatores da crise de seu tempo.

A violência antiintelectualista das novas classes médias é, afinal, uma falta de educação, ou, antes, o fruto de uma falsa educação. Fruto da falsa ideia que as classes médias formavam da universidade: da nova Universidade, que fornece exércitos de médicos, advogados e técnicos, em vez de *clerics*, de uma elite (Carpeaux, 1999e, p. 217).

A Viena da época de Carpeaux experimentava essa nova forma de se fazer política. A chamada política de massas contava com novas lideranças e partidos que se apoiavam fortemente sobre a eloquência. Este é um ponto importante para se observar as mudanças de concepções, pois o que nos anos 1930 simbolizava uma crise, se tornaria uma solução política nos anos de ditadura militar, ou seja, a relevância da participação efetiva da classe média, estudantes e intelectuais para a redemocratização do país.

No âmbito de um autoritarismo barroco, os produtores de discurso precisam contar com a adesão dos receptores. Vem daí, segundo Maravall, o elo ente barroco e eloquência [...] Aqueles que recebem a mensagem persuasiva desempenham também um papel ativo no pro-

cesso, pois não apenas se deixam, mas fazem-se persuadir. Essa disposição do público para a persuasão precisa ser compreendida como expressão de uma **sociedade em crise**. Assim foi no século XVII, época em que a persuasão importava mais do que a demonstração. (Ventura, 2001, p. 54, negrito nosso)

A “crise” para Carpeaux se manifestava no uso da violência, no não reconhecimento do Estado pelo povo, na falência da vida pública, ou seja, na desconfiança nas autoridades (Carpeaux, 2014, p. 21).

Um dos aspectos essenciais da visão de mundo barroca se refere à preocupação com a conduta moral das pessoas. Trata-se de uma busca incansável pela correção e alinhamento nos costumes humanos. Pois, como foi dito, o conservadorismo barroco de linhagem habsburga da casa da Áustria não se espraiava apenas entre as expressões artísticas e culturais, mas deveria, além disso, reger as práticas políticas e o comportamento.

Nessa miríade de esferas da vida humana, na qual o barroco teve inserido os seus princípios, há um preceito, que segundo Maravall (1997), assume importância capital, trata-se da *prudência*.

Essa preceptiva moral ocupa posição predominante naquele aspecto do barroco que procuramos ressaltar, qual seja, sua natureza conservadora. A moralidade barroca, da qual derivam o teatro e a **teoria do Estado** barrocos, está assentada sobre esse preceito eminentemente pragmático (Ventura, 2002, p. 61, negrito nosso).

Mas Ventura adverte que no pensamento político moderno o prudencialismo barroco possui duas interpretações distintas e até antagônicas. De um lado, há os intérpretes cristãos, que mantiveram o conceito dentro dos limites da moral tradicional, entendendo-o como uma virtude; de outro a vertente filosófico-política, que enxergava no prudencialismo uma técnica, logo, aplicável em diferentes situações, e que encontra em Maquiavel o seu iniciador⁶.

Assim, conhecer essas diferenças “é importante porque o conceito de prudência está na raiz da visão teológico-política de

⁶ Para se conhecer mais sobre as diferenças do prudencialismo consultar a obra de L. E. Palácios, na qual analisa o personagem Segismundo, na releitura da peça de Calderón escrita pelo austríaco Hofmannsthal. Palácios identifica no personagem um típico prudencialismo cristão, que contrastava com o modo dos maquiavelistas. Ver: PALÁCIOS, L. E. La vida es sueño. In: *Finisterre*, nº 1, 1948 *apud* MARAVALL, J. A. op. cit., p. 127.

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

Carpeaux.” (Ventura, 2002, p. 62). Sendo esse prudencialismo uma visão de mundo herdada por Carpeaux dos Habsburgo, da casa da Áustria e da “sabedoria cristã” da Espanha, ela tem como princípio norteador no pensamento político, a conservação do mundo. Ora, a formação intelectual de Carpeaux em Viena o imbuíu não apenas da prudência como a virtude barroca por excelência, mas de uma visão de mundo oposta ao maquiavelismo.

Ora, se a prudência é uma virtude inevitavelmente conservadora (sem que com isso tenhamos que considerar o maquiavelismo uma doutrina progressista, ou que objetive a ruptura com o *status quo*), talvez advenha daí a visão de mundo conservadora de Carpeaux, revelada em seus dois primeiros livros e disseminada, como será visto, por toda sua obra. O que está em jogo quando se discute o tema da prudência não é somente uma questão moral ou religiosa, mas uma teoria do Estado, da sociedade e uma visão de mundo (Ventura, 2002, p. 63).

A passagem da década de 1930 para a de 1940, que foi marcada pela fuga de Carpeaux e sua esposa Helena para o Brasil, não impactou nas elaborações e sínteses teóricas do austríaco no que se referia às relações entre política, Estado e Igreja. Como é possível observar no ensaio *Teatro e Estado do Barroco* sem especificação de data, mas escrito por Carpeaux em sua primeira década no Brasil, os temas e ideias, além do espírito da Contrarreforma aparecem com a mesma convicção teórica expressa pelo autor quando ainda em Viena. São citados pensadores cristãos⁷ que se opunham ao maquiavelismo e defendiam os princípios do Estado cristão.

Comparar esse ensaio dos anos 1940 – que é provavelmente o mais denso escrito por Carpeaux sobre a temática política – com demais artigos assinados por ele, inclusive na década seguinte, e cujo objeto era Maquiavel ou o Estado, nos oferece uma perspectiva do processo de inflexão no pensamento do ensaísta. Em *Teatro e Estado do Barroco* a imagem política de Maquiavel é exposta com todo o rigor moral do barroco contra reformista presente também no livro *Caminhos para Roma*.

A política, escreve Carpeaux taxativamente, “é a arte do dia-

⁷ Dentre os nomes citados por Carpeaux estão: Guilelmus Lamormaini, Francisco Gomes de Quevedo, Diego Saavedra Fajardo e Antonio Vieira.

bo”, a diplomacia, invenção do século XVII, emana “odor de enxofre”. Os moralistas quiseram desvendar esses “segredos diabólicos, e o primeiro desses moralistas, Maquiavel, teve o destino de emprestar seu nome à arte do diabo.” (Carpeaux, 1990, p. 23).

A reação a este movimento político iluminado pelo “Sol de Satã” era composta pelos padres e pensadores jesuítas. Eles faziam o papel de “advogados dos povos”, sobretudo porque o povo barroco “é mudo como os figurantes do balé barroco”, ou seja, pelo artifício da retórica e da eloquência, como exposto anteriormente, o povo poderia ter corrompida a sua soberania. E esta questão carrega um elemento importante, pois fazia Carpeaux avançar em uma definição de soberania do Estado e dos povos.

A identificação de Carpeaux com os jesuítas o afastava das teorias contratualistas, como a de Rousseau, por exemplo. Tomando como referência o Padre Francisco Suárez, que defendia que a soberania exigia uma base religiosa encontrada na “democracia cristiana”, Carpeaux aceita a tese de que o poder real legítimo é condicionado pela preservação dos princípios cristãos. O autor busca em um texto de um pensador jesuíta, Antonio de Souza de Macedo, o exemplo de explicação desse princípio cristão da legitimidade. Segundo o autor evocado por Carpeaux, o direito de revolta de um povo só é suspenso pela devoção ao príncipe (Carpeaux, 1990, p. 24-25). Dessa forma, Ventura esclarece que a ideia de “subjugar o direito individual à devoção ao príncipe era um dos princípios do Estado barroco em sua versão cristã, que não aceitava nem mesmo a supremacia do príncipe em relação à Igreja.” (Ventura, 2002, p. 71).

Esta representação teatral, que faz do rei um deus terrestre, leva a compreender mal o espírito do Estado barroco. Sim, é uma representação, mas é só uma representação. Representação de realidades mais altas, realidades divinas. O rei barroco está situado tão alto porque é o ápice de um Estado que tem, de alto a baixo e inteiramente, uma significação religiosa: ele é a imagem de um mundo (Carpeaux, 1990, p. 23).

Na essência, o barroco se amparava na aceitação do rei como um deus terrestre, uma prática e perspectiva diferentes daquela prevista pela concepção de Estado absolutista. Nesta concepção, o monarca governa com independência em relação à igreja, algo que em

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

Carpeaux não encontra consonância, visto que essa prática contrariava os princípios do Estado cristão. No entanto, Carpeaux assevera que confundir o rei com o próprio Deus é uma incompreensão do verdadeiro espírito do barroco, pois o rei não poderia estar num patamar superior ao de Deus. Essa explicação é encontrada em sua análise do teatro barroco, cujos personagens e estórias devem ser compreendidas como apenas representações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta metodológica utilizada neste artigo a fim de se analisar uma parte das trajetórias pessoal e profissional de Otto Maria Carpeaux se apresenta na forma de uma hipótese de pesquisa. Refere-se à perspectiva dialética entre uma *continuidade* de suas ideias e de certos aspectos da vida profissional, como escrever críticas literárias e análises de política internacional para jornais e revistas; e, por outro lado, algumas *inflexões*, que abarcam todas as rotas alternativas utilizadas por Carpeaux com diferentes objetivos pessoais e profissionais.

Nos momentos em que se observa um fio que conecta certos elementos da fase austríaca com a fase pós 1964, como a intenção de resistir a um Golpe de Estado e denunciar os responsáveis por meio da imprensa, tem-se a presença das percepções éticas que orientavam a militância de Carpeaux em defesa da autonomia da Áustria nos anos de 1930. Todavia, se o *modus operandi* se assemelhava ou se igualava, asseguradas as devidas proporções históricas de cada país e época, não se pode dizer o mesmo das ideias e ideologias que orientavam suas análises políticas e culturais. A forma dos textos ainda guardava certos aspectos barrocos, como na erudição e comparações entre épocas e personagens históricos, porém o conteúdo advinha de uma nova reformulação teórica sintetizada por Carpeaux. A inflexão passava justamente pela incorporação de ideologias e ideias que melhor explicassem e solucionassem os problemas de seu tempo. Dessa forma, não se tratava de um abandono do catolicismo e do barroco para fins de adaptação ao temário das esquerdas, mas sim de uma fusão destas ideias e de seu pensamento

pregresso num movimento dialético.

Como se pode observar no artigo de 1965 sobre a Sociologia barroca, sua crítica à economia burguesa, ao absolutismo racionalista em nome da tradição católica barroca, leva a sua rejeição da ditadura militar brasileira. Então, Carpeaux passou de conservador católico à esquerdista, contudo foi o seu catolicismo barroco que orientou e nutriu esse novo esquerdismo.

REFERÊNCIAS

- CARPEAUX, Otto Maria. Teatro e Estado do Barroco. *Revista Estudos Avançados*, 4 (10). São Paulo, IEA-USP, set-dez de 1990.
- CARPEAUX, Otto M. Atualidade do Barroco. In: *Ensaaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999a.
- CARPEAUX, Otto Maria. Leviatã. In: *Ensaaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999b.
- CARPEAUX, Otto Maria. Tradições Americanas. In: *Ensaaios Reunidos*, Vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999c.
- CARPEAUX, Otto Maria. Alfieri e a tragédia da Itália. *Ensaaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999d.
- CARPEAUX, Otto Maria. A ideia da universidade e as ideias das classes médias. *Ensaaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999e.
- CARPEAUX, Otto Maria. Sociologia Barroca. *Ensaaios Reunidos*, Vol. II (1946-1971). Prefácio de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- CARPEAUX, Otto M. *História da Literatura Ocidental*. São Paulo: Leya, 2011.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Caminhos para Roma*. Campinas: Ecclesiae, 2014.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1968.

*Tradição, passado e resistência:
as influências católicas e barrocas na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux.*

- GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. *Palavra Peregrina: o barroco e o pensamento sobre artes e letras no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.
- LIMA, José Adi Blanco. *Entre a crítica e a História: construção de Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História da UFJF, Juíz de Fora, 2013.
- MARAVALL, José Antonio. *Cultura do barroco. Análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: Edusp, 1997.
- MARTINS, Luciano. A gênese de uma *intelligentsia*: os intelectuais e a política no Brasil (1920 a 1940). *Rev. Bras. de Ciências Sociais*. n. 4, vol. 2, Anpocs, junho de 1987.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen à Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austriaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- VENTURA, Mauro Souza. *Missão e profissão: a crítica literária de Otto Maria Carpeaux*. Remate de Males, Campinas-SP, (31.1-2): pp. 283-297, Jan./Dez. 2011.